

ASTROLOGIA & NARRATIVAS DO CÉU

Ana Cristina Vidal de Castro¹

Resumo

O presente artigo faz parte de um estudo maior sobre a relação existente entre Comunicação e Astrologia. Neste artigo a Astrologia é apresentada como narrativa, com a ajuda de autores como Gaston Bachelard, Bernadete Brady, Stephen Arroyo e outros. Além disso, é feita uma pequena introdução sobre a presença da Astrologia na mídia, seja como narrativa resumida (horóscopos) ou como conteúdos que ajudam na construção de narrativas presentes no cinema, nos jornais e outros. Alguns autores utilizados são Malena Contrera, Edgar Morin, Regina Machado, Vladimir Propp, entre outros.

Palavras-chave: Comunicação. Astrologia. Narrativa. Mídia. Ciclos.

O saber astrológico

A sociedade humana sempre buscou inscrever-se no cosmo e inscrever o cosmo em si mesma. – Edgar Morin²

Astrologia é um saber complexo, que inclui outros saberes, como Astronomia, Medicina, Filosofia, Psicologia, Matemática, entre outros. Ela é composta de técnicas e teorias complexas, que incluem cálculos e diversas interpretações. São infinitos os elementos pertencentes à Astrologia. Ao contrário da aparente simplicidade e superficialidade percebida na leitura de um horóscopo de jornal, que considera apenas os doze signos astrológicos, em poucos caracteres, para as previsões genéricas de bilhões de pessoas do mundo, interpretar uma pessoa, evento, ciclo ou situação a partir da Astrologia leva em consideração muito mais do que isso. São diversos fatores combinados entre si, em uma dinâmica cíclica que jamais se repete.

A Astrologia contém um alfabeto próprio, composto de diversos símbolos que representam os planetas, signos e outros pontos. A linguagem astrológica precisa ser interpretada por quem conheça seus símbolos e sinais. A Astrologia também é a narrativa dos

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Email: titividal@gmail.com.

² MORIN, 2008.

ciclos da natureza e do homem. Conta a história dos ciclos celestes e sua relação com os acontecimentos terrestres, o que inclui a experiência humana. Olhando para o céu, podemos contar várias histórias através dos ciclos que, apesar de sempre se repetirem, nunca combinam-se da mesma forma.

A narrativa através dos ciclos

Desde tempos antigos o homem olha para o céu. Ao fazer isso, os antigos viam a relação entre os movimentos celestes e os acontecimentos terrestres. A partir dessa constante observação do céu, nossos antepassados descobriram relações profundas do céu com o que acontece na Terra.

Como conta Edgar Morin

Desde a Antiguidade, as sociedades humanas elaboraram concepções a respeito de um universo no qual cada uma delas se inscrevia. Essas sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica: seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares (MORIN, 2008, p.9).

Por sinal, “toda a nossa compreensão mental do mundo depende dos ciclos – se os eventos não se repetissem, não haveria um universo apreensível e estruturado” (TOWNLEY, 1995, p. 9).

As civilizações antigas conheciam e interpretavam o céu, traçando paralelos com os acontecimentos terrestres. Edgar Morin conta que mesmo antes do nascimento da Astrologia, “os astros desempenhavam um papel central na maior parte das civilizações”. De acordo com ele, “A organização social estava decalcada sobre a organização cósmica e os ritos religiosos asseguravam a harmonia entre o homem e o mundo”. Morin ainda complementa: “A ordem cósmica era ao mesmo tempo modelo e garantia da ordem social” (MORIN, 1972, p. 15).

A narrativa do Sol pelo zodíaco

O zodíaco é

uma faixa aparente, em forma de circunferência, portanto de 360°, que ‘envolve’ o nosso sistema solar de acordo com o referencial de um observador na Terra como centro...Esta circunferência é subdividida igualmente em 12 signos, ocupando 30° cada um” (CASTRO, 2000, p. 24)

O francês André Barbault define o zodíaco como “o antigo relógio do céu” (BARBAULT, 1995, p. 90).

Durante um ano, o Sol aparentemente dá uma volta em torno da Terra, percorrendo a eclíptica e o zodíaco, marcando claramente as estações do ano, que mantém uma relação

íntima como os doze signos astrológicos. É como uma história cíclica que o Sol nos conta ao longo de um ano, todos os anos. John Townley nos lembra que

toda a vida sobre a terra depende da repetição anual do ciclo solar, determinado pela revolução da Terra em torno do Sol e pela inclinação do nosso planeta em relação ao seu plano orbital...As mudanças de estação assim criadas determinam as condições meteorológicas, as reservas de alimento e as regiões habitáveis, que tornam possível nossa existência. (TOWNLEY, 1995, p. 35)

O ciclo do Sol pelo zodíaco tem profunda relação com a vida humana. Para André Barbault

(...) todas as funções biológicas evoluem igualmente ao longo do ano, que fevereiro é o campeão da mortalidade (exílio do Sol), que nosso sono é mais profundo no inverno, estação das marmotas e do voltar-se para si mesmo; e que nosso coração bate mais rápido no verão, estação da agitação e do vai-e-vem; enquanto a primavera faz eclodir a atividade sexual (...). (BARBAULT, 2004, p. 69)

Este ciclo que se repete anualmente, está diretamente ligado às estações do ano e aos signos do zodíaco.

Para Ptolomeu, “o zodíaco é o ano e as suas quatro estações” (BARBAULT, 2004, p. 69). O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão (2008, p. 33) lembra que inicialmente a Astrologia visava prever as estações do ano para fins agrícolas.

Dos quadro elementos aos doze signos

A sequência zodiacal também tem relação com os quatro elementos presentes na natureza, fogo, terra, ar e água, que são a essência dos doze signos. Como cada elemento pode se manifestar de três maneiras diferentes, cardinal, fixa e mutável, temos doze signos, ou seja, três manifestações de cada um dos quatro elementos.

Os quatro elementos

Por que você me pergunta? Perguntas não vão lhe mostrar, que eu sou feito da terra, do fogo da água e do ar. – Raul Seixas³

Fogo

O fogo é o elemento da energia e da vida. “O elemento fogo se refere a uma energia universal irradiante, uma energia que é excitável e entusiástica e que, através da sua luz, dá colorido ao mundo” (ARROYO, 2005, p. 107).

³ Trecho da música **Gitá** de Raul Seixas e Paulo Coelho.

Bachelard diz que o fogo “Vive em nosso coração. Vive no céu”. (BACHELARD, 2012, p. 11). O fogo contém a energia do Sol que, astrológicamente, rege o signo de Leão, signo de fogo, e o coração.

O fogo é o elemento do ser. E o ser vem do coração, do impulso da vida. “Porque, no fundo, o homem é o que é o seu coração. É nele que a humanidade do ser humano reside e se revela. O coração é o sol do microcosmo”⁴.

Terra

A terra é o elemento que dá forma às coisas. É o elemento da estrutura, do que pode ser visto com nossos olhos e tocado por nossas mãos. É o mais concreto de todos, do mundo da realidade e daquilo que é uma certeza, pois todos conseguem enxergar e tocar.

Não à toa Gaston Bachelard dividiu seus estudos sobre o elemento terra em dois livros, *A Terra e os Devaneios da Vontade* e *A Terra e os Devaneios do Repouso*. A terra é justamente o elemento do trabalho, do esforço, da realização, de tudo aquilo que é de fato concretizado no “mundo real”.

Para o astrólogo Stephen Arroyo “uma afinação com este elemento indica que o indivíduo está em contato com os sentidos físicos e com a realidade do aqui-e-agora do mundo material” (ARROYO, 2006, p. 111).

Ar

O ar é o elemento do pensamento e como disse Descartes “Penso, logo existo”. Existimos como ser humanos porque além de respirar pensamos e esse pensamento – e a nossa inteligência – nos diferencia dos outros animais e formas de vida.

Os signos de ar são considerados os signos dos relacionamentos. É através do ar que, astrológicamente, as pessoas interagem. Por ser o elemento do pensamento, do intelecto e da razão, é justamente o ar o que permite a comunicação entre as pessoas.

Especialmente quando falamos em comunicação social, em vida social, o elemento ar sempre se faz presente. “Bate-papos sobre os mais variados assuntos, conversas interessantes, discussões objetivas e inteligentes, mostrando verdadeira tolerância com relação ao ponto de vista dos outros” (GREENE, 2002, p. 275) são mesmo características do elemento ar.

⁴ Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô/autor anônimo, 2005, p. 235.

Água

Aproximadamente setenta por cento do planeta Terra é composto de água. Coincidência ou não, setenta por cento do corpo humano é composto por água.

Astrologicamente, água é o elemento associado às emoções e aos sentimentos. Ou como bem define Amanda Costa, “o elemento água simboliza os sentimentos e os estados inconscientes e anímicos” (COSTA, 2011, p. 80).

A imaginação é um dos dons mais fortes do elemento água (GREENE, 2002, p. 363). Para Liz Greene “pessoas de água têm uma imaginação maravilhosa. Elas são também sensíveis, receptivas e profundas”. Mas a água é “um tipo particular de imaginação” (BACHELARD, 2002, p. 6). Mais do que isso,

a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas o destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser (BACHELARD, 2002, p. 6)

Os doze signos: expressões dos elementos

Os signos astrológicos nascem dos quatro elementos da natureza: fogo, terra, ar e água. Como cada um deles pode ser expressado de três diferentes formas, temos doze signos. Os quatro elementos podem se manifestar através de um dos seguintes ritmos:

Ritmo cardeal ou cardinal: tem a ver com iniciativa e ação. É o impulso primeiro, a capacidade de agir e começar.

Ritmo fixo: tem a ver com a manutenção. É o movimento do não movimento. A preservação e a contenção. É aquilo que se mantém, que permanece estável e seguro.

Ritmo mutável: tem a ver com movimento, adaptação, flexibilidade e mudança. É o que conecta uma à outra coisa, um ao outro ritmo. É o que sempre muda.

“A combinação dos quatro elementos com as três modalidades resulta nos doze padrões primários de energia, denominados signos do zodíaco” (ARROYO, 2011, p. 47).

Assim, o fogo pode se expressar das seguintes maneiras. Fogo cardinal, Áries, o fogo em movimento. A chama. O impulso da vontade. Fogo fixo, Leão, o fogo do Sol. O fogo mais quente. O impulso vital. Fogo mutável, Sagitário, o fogo em movimento. O impulso aventureiro.

A terra, por sua vez, pode se manifestar das seguintes formas: Terra fixa, Touro, a manutenção das coisas. A vontade de permanecer. Terra mutável, Virgem, a terra em movimento. A vontade eficiente. Terra cardinal, Capricórnio, a terra realizadora. A vontade de conquistar.

O elemento ar também se expressa das três formas: Ar mutável, Gêmeos, o ar em movimento. O pensamento em mutação. Ar cardinal, Libra, a troca intelectual. O impulso compartilhador. Ar fixo, Aquário, o ar comprimido. O impulso intelectual criativo.

Por fim, o elemento água também pode se manifestar de três formas: Água cardinal, Câncer, a água do rio. A fonte que gera a vida. Emoção em ação. Água fixa, Escorpião, a água do vulcão ou da lagoa. Emoções profundas. Água mutável, Peixes, a água do mar. Emoções infinitas em mutação.

Vale ressaltar que, no zodíaco, cada elemento aparece primeiramente no ritmo, ou forma, mais afinado à sua essência. O universo astrológico é coerente como um conto da natureza, que conta a história da vida e a cosmologia do ser humano.

A personalidade astrológica

Eu sou a luz das estrelas, eu sou a cor do luar, eu sou
as coisas da vida... - Raul Seixas⁵

O universo que cerca a Terra também está dentro do homem. Os elementos e ciclos da natureza formam os doze signos que estão também em nós. Estão em nosso corpo e em nossa personalidade. Somos uma combinação de fatores e carregamos o cosmo dentro de nós. Essa combinação está presente no mapa astral de uma pessoa, sempre único e composto de diversos aspectos, que vão muito além do signo solar.

Astrologia e narrativa

A Astrologia é uma narrativa que envolve interpretação. Um astrólogo “lê” o céu e traduz os ciclos celestes. Como diz a astróloga Bernardete Brady (2008, p. 1), o céu não é uma simples linha, mas também contém mitologias, histórias e narrativas (tradução nossa).

Qualquer astrólogo que analise um mapa astrológico, ou seja, a história celeste de alguém, verá os mesmos sinais e símbolos, os mesmos fatos, qualidades de tempo e acontecimentos. No entanto, cada um irá traduzir de acordo com sua própria história e

⁵ Trecho da música **Gitá** de Raul Seixas e Paulo Coelho.

bagagem pessoal e conforme seu próprio mapa astrológico. Como uma narrativa que vai sendo contada, um mapa astrológico desdobra-se no tempo e conta uma história real, a história da vida de alguém. Essa história pode ser contada do passado para o presente, do presente para o passado e do presente para o futuro.

Pode-se pensar o mapa como um labirinto ou, em outras palavras, como algo que possui essa estrutura labiríntica. Conforme nos apresenta Lúcia Leão “os labirintos são signos de complexidade” (LEÃO, 2002, p. 15) e assim como labirintos são complexos, um mapa astrológico também é. Aliás, a própria Lúcia Leão associa os mapas aos labirintos. Ela diz que “no estudo dos labirintos, um tópico bastante importante diz respeito ao conceito de mapa” (LEÃO, 2002, P. 15).

No caso de um mapa astrológico, este mapeia um labirinto cósmico, que ao mesmo tempo registra um labirinto já percorrido e projeta um labirinto a ser percorrido. Isso acontece justamente porque o mapa astrológico contém ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro.

Conforme Vladimir Propp “A narrativa assegura funções antropológicas indispensáveis à sociedade humana: funções cosmogônicas, institucionais e criativas” (PROPP, 2006, p. 21). E se a Astrologia é uma narrativa, ela também contém essas funções por ele apontadas. Possui especialmente a função cosmogônica que, para ele, está ligada “à maneira como uma civilização concebe a origem do universo e a sua própria localização no espaço e no tempo” (PROPP, 2006, p. 21). Ora, a Astrologia trabalha justamente com tempo e espaço, localizando o indivíduo de acordo com ambos fatores e, além disso, analisa a qualidade do tempo, sem para isso deixar de considerar o espaço.

Propp (2006) analisa especialmente a narrativa presente nos contos míticos, mas traça uma relação entre a história e a narrativa. Segundo ele, há uma mútua implicação entre ambas. Para ele a narrativa não apenas dá sentido à história como produz historicidade. Por isso, ainda de acordo com o conceito de Propp, a narrativa é predominantemente metonímica, pois seleciona e articula os paradigmas culturais que fazem o cotidiano.

O mapa astral de uma pessoa é seu DNA astrológico. O DNA contém informações e instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos. Da mesma forma, um mapa astrológico contém instruções e informações sobre a vida de determinado ser vivo. Portanto, é algo que conta a história real da vida de alguém. No

entanto, à Astrologia pode ser aplicada a linguagem mitológica, apesar desta linguagem não contemplar totalmente esse saber. A mitologia pode, na verdade, ajudar a explicar o funcionamento astrológico e fazer uma espécie de ponte ou interface entre sua linguagem simbólica e o entendimento humano. Assim, dentre as narrativas possíveis a partir de um mapa astrológico, a mitologia com toda sua estrutura é uma das formas possíveis.

Voltando à teoria de Propp, podemos pensar que a narrativa astrológica ajuda a dar sentido à vida humana, pois permite uma explicação sobre eventos, reações e situações individuais e coletivas que conecta o homem à natureza e aponta coerência e significado à existência.

Um mapa astral e os ciclos astrológicos ajudam, portanto, a contar a história de uma pessoa e, além disso, a atribuir significado a esta história e vida humana, dando um sentido ao que acontece e atribuindo qualidade ao tempo vivido.

Cristina Balieiro e Beatriz Del Picchia ainda consideram que “A jornada para o mais profundo e autêntico de si mesmo é expressa na narrativa de uma vida” (BALIEIRO, PICCHIA, 2010, p. 18). Essa é justamente uma das funções do mapa astrológico: narrar a vida. E como elas complementam: “Assim como cada pessoa é única, cada história é única e, de certa forma, mostra como a vida moldou aquela identidade e ao mesmo tempo foi moldada por ela” (BALEIEIRO, PICCHIA, 2010, p. 18).

A escritora e astróloga Amanda Costa lembra que “a Astrologia, como um sistema simbólico fundado em estruturas arquetípicas” é uma “nova leitura do real” (COSTA, 2011, p. 67) proposta pelo também astrólogo, escritor e jornalista Caio Fernando Abreu. Tanto que a Astrologia foi fundamental em boa parte do processo de escrita de Caio. Por sinal, encontramos muita Astrologia em toda obra a do escritor.

Também é interessante pensar quando Roland Barthes diz que “a narrativa, ao mesmo tempo, é (tient) e pretende ser (aspire)” (BARTHES, 2011, p. 43). Isso reflete a estrutura de um mapa astrológico que ao mesmo é, porque mostra uma pessoa e sua vida e ao mesmo tempo pretende ser porque também contém tendências, aspectos e possibilidades que nem sempre chegam a ser ou acontecer.

Mapa astrológico: história de uma vida

O mapa astral conta a nossa história e nós contamos a história do nosso mapa. Pode ser sentido como “um símbolo vivo do universo inteiro, *visto* de um determinado lugar, num determinado instante” (RUDHYAR, 1991, p. 23).

Os ciclos astrológicos falam dos eventos coletivos e através das observações astrológicas podemos fazer um retrospectiva na história e contar o passado, podemos analisar o presente e podemos prever o futuro.

Como conta o astrólogo Maurício Bernis (2007, p. 9), existem correlações entre as posições dos astros e os eventos humanos, já que todos os mecanismos de funcionamento do universo obedecem a cíclicas naturais. Assim, os ciclos celestes contam a história da vida terrestre.

Cada mapa astrológico é, como o próprio nome diz, um mapa que nos apresenta o caminho de vida. O mapa astrológico é também um roteiro, a partir do qual desenvolvemos nossa vida.

Quando consideramos o mapa natal, cada um tem o seu, porque como existem infinitas combinações possíveis no cosmo, o mesmo céu jamais se repete. Assim, a cada instante, temos uma configuração celeste distinta.

Regina Machado (2004, p. 19) compara as diferentes visões possíveis em um determinado assunto a janelas das quais se vêem diferentes paisagens, de ângulos particulares. A Astrologia é uma dessas janelas, uma forma de olhar o mundo e de contar sua história, uma das muitas maneiras possíveis de contar e compreender a história da humanidade e a história de cada um de nós.

Astrologia e mídia

“Vemos, então, vários pontos de encontro – que vão dos temas aos procedimentos usados – entre os Mitos astrológicos e a Mídia” – Malena Segura Contrera⁶.

A Astrologia está cada vez mais presente na mídia. Está nas revistas e jornais, na internet, na televisão e no rádio. Os principais portais, jornais e revistas do Brasil possuem um espaço dedicado à Astrologia. Porém, está na mídia principalmente de forma reducionista, generalista e estereotipada, por meio de narrativas resumidas, que são os horóscopos. Aliás,

⁶ CONTRERA, 2000, P. 19).

eles sempre estiveram presentes nos principais jornais, revistas e, mais recentemente, nos grandes portais.

Por trazer sempre uma novidade, um conselho, algo diferente, os horóscopos muitas vezes servem como um atrativo a mais em busca de audiência, já que costuma ser grande o número de pessoas que lê horóscopos diariamente.

No entanto, Astrologia é muito mais que isso e contém inúmeras narrativas possíveis. A Astrologia, aliás, está presente na mídia não apenas de forma tão clara, mas também aparece como “motivos míticos arcaicos” presentes nos “conteúdos comunicativos da Mídia” (CONTRERA, 2000, p. 26). Para Malena Contrera, portanto, é forte a “presença de conteúdos arcaicos – míticos astrológicos – nos textos da mídia contemporânea” (CONTRERA, 2000, p. 107). Neste sentido, a Astrologia participa na construção de narrativas presentes na televisão, no cinema, em livros, entre outros.

Mesmo assim, existe muito preconceito no que diz respeito à Astrologia, em geral associada a algo místico e superficial e isso também pode ter a ver com a relação existente entre ela e a mídia. Especialmente porque, além dos horóscopos, a maior parte dos textos sobre o tema falam sobre compatibilidade amorosa entre signos, previsões para celebridades ou outros temas igualmente estereotipados e generalistas, que reduzem toda complexidade da Astrologia e de suas narrativas.

Com o surgimento da internet, especialmente com os sites pessoais dos astrólogos e da presença destes nas redes sociais, este conteúdo mais profundo e complexo relacionado à Astrologia está mais presente hoje na mídia. Mas, ainda assim, ainda há muito trabalho a ser feito neste sentido.

Algumas considerações

Apresentar as diversas narrativas existentes na complexidade astrológica é apenas o começo da construção de novas formas comunicativas para a Astrologia. Entre estas formas, estão as mídias digitais, especialmente as redes sociais, que têm se mostrado importantes canais de comunicação desta área do conhecimento, capazes de mudar sua imagem e relação com o público.

Está claro que a Astrologia interessa à Comunicação, seja pela sua participação velada na construção das diversas narrativas presentes na mídia, seja pelas possibilidade de atrair

leitores por meio dos horóscopos, que nada mais são do que narrativas resumidas. Por outro lado, a Comunicação interessa à Astrologia, pois pode ser o principal catalizador de uma mudança significativa na relação existente entre ela e seu público. Neste casamento, é possível que haja um crescimento mútuo, já que a Astrologia pode oferecer narrativas ainda mais significativas à Comunicação que, por sua vez, pode ser de grande valia na construção de uma nova imagem para a Astrologia, mais verdadeira e profunda.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Triângulo das águas**. Rio de Janeiro: Agir, 2008
- _____. **O dia em que Júpiter encontrou Saturno (Nova história colorida)**. In: _____. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Agir: 2006.
- ARROYO, Stephen. **Normas práticas para a interpretação do mapa astral**. 6 ed. São Paulo: Pensamento, 2011.
- _____. **Astrologia, psicologia e os quatro elementos**. 13 ed. São Paulo: Pensamento. 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARBAULT, André. **O universo astrológico dos quatro elementos**. Rio de Janeiro: Espaço do Céu, 2004.
- _____. **Tratado prático de Astrologia**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BARTHES, Roland. In: _____. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BERNIS, Maurício. **Astrologia empresarial**. Caderno Brasileiro de Astrologia número 11. São Paulo: Gaia Brasilis, 2007.
- BRADY, Bernadette. **Star and Planet Combinations**. England: The Wessex Astrologer, 2008.
- CAPT, E. Raymond. **La gloria de las estrellas: el zodíaco y su mensaje**. Buenos Aires: Lidium, 1985.

CARDOSO, Paulo. **Mar Portuguez e a simbólica da Torre de Belém**. Lisboa: Estampa, 1991.

CASTRO, Maria Eugênia de. **O livro dos signos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação**. São Paulo: Annablume, 2000.

COSTA, Amanda. **360 Graus: Inventário astrológico de Caio Fernando Abreu**. Porto Alegre: Libretos, 2011.

DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **O feminino e o sagrado: mulheres na jornada do herói**. São Paulo: Ágora, 2010.

DE SALVO, Salvatore; DE SALVO, Mara. **A Energia Cósmica e Você**. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2009.

DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F.: cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: Record, 2009

GREENE, Liz. **Os astros e o amor**. São Paulo: Cultrix, 2002.

JUDGE, Michael. **The Dance of Time: The origins of the calendar**. New York: Arcade Publishing, 2004.

LUNDSTED, Betty. **Compreensão astrológica da personalidade**. 2 ed. São Paulo: Ágora, 1989.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

MANN, A. T. **A Astrologia e a arte de curar**. São Paulo: Pensamento, 1989.

MIRANDA, Eduardo Reck. **Música e Novas Tecnologías**. Barcelona: ACCAngelot, 1999.

MORIN, Edgar; CASSÉ, Michel. **Filhos do Céu: entre vazio, luz e matéria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **O livro de ouro do Universo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto**. In: SCHNAIDERMAN, Boris Solomonóvitch (Organizador). **Morfologia do conto maravilhoso**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

QUIROGA, Oscar. **Astrologia real: o que seu signo quer dizer a você**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

RUDHYAR, Dane. **A prática da Astrologia como técnica de compreensão humana**. São Paulo: Pensamento, 1991.

SASPORTAS, Howard. **As doze casas**. São Paulo: Pensamento, 2003

SICUTERI, Roberto. **Astrologia e mito: símbolos e mitos do zodíaco na psicologia profunda**. São Paulo: Pensamento, 1994.

TOWNLEY, John. **Ciclos astrológicos e períodos de crise**. 2 ed. São Paulo: Pensamento, 1998.

Meditações sobre os 22 arcanos maiores do Tarô/Por um autor que quis manter-se no anonimato. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2005.